

Brasil pede prorrogação a 700 bancos

O Banco Central e o comitê renegociador da dívida brasileira enviam hoje aos 700 bancos credores o telex com o pedido formal de nova prorrogação do acordo provisório que termina amanhã para a rolagem da dívida externa do País, vencida desde o início do ano e a manutenção de US\$ 16 bilhões de créditos de curto prazo, informou, ontem, o diretor da área externa do BC, Carlos Eduardo de Freltas. Em palestra no BC, o vice-presidente do Federal Reserve Bank of Philadelphia, W. Lee Hoskins, advertiu que o déficit público dos Estados Unidos de US\$ 200 bilhões e a possível saída do presidente do Federal Reserve System (FED), Paul Volcker, devem provocar, no próximo ano, alta da "prime" — taxa preferencial norte-americana — com aceleração desta tendência altista em 1987 e 1988, o que exercerá impacto sobre os serviços da dívida brasileira.

Logo após a sua posse, ontem, o presidente do BC, Fernão Bracher, admitiu que a coincidência do término do prazo do acordo provisório e a mudança na equipe econômica do Governo brasileiro podem antecipar a sua ida a Nova Iorque para o primeiro contato com os credores internacionais. Porém, procurou tranquilizar os banqueiros do exterior: "Acredito que as coisas estão colocadas de tal maneira que não haja necessidade de modificar o que já foi acertado". Bracher também confirmou que uma nova missão negociadora irá a Washington, no início do próximo mês, conversar com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Segundo o vice-presidente do Federal Reserve of Philadelphia, a persistência do déficit público anual no patamar de US\$ 200 bilhões nos Estados Unidos justifica o pessimismo da própria autoridade monetária norte-americana. "Alguns apostam na queda brusca do dólar e, com o déficit estável em patamar elevado nos próximos três anos, surgirão problemas muito sérios na economia norte-americana. Em 1986, um ano eleitoral, o governo Reagan poderá ampliar a

expansão monetária para evitar a alta dos juros. Porém, a partir de 1987, a "prime" pode subir bastante e sufocar o crescimento da economia mundial. Então, restará saber a reação das economias europeia e japonesa para compensar a retração nos Estados Unidos" — alertou Hoskins.